

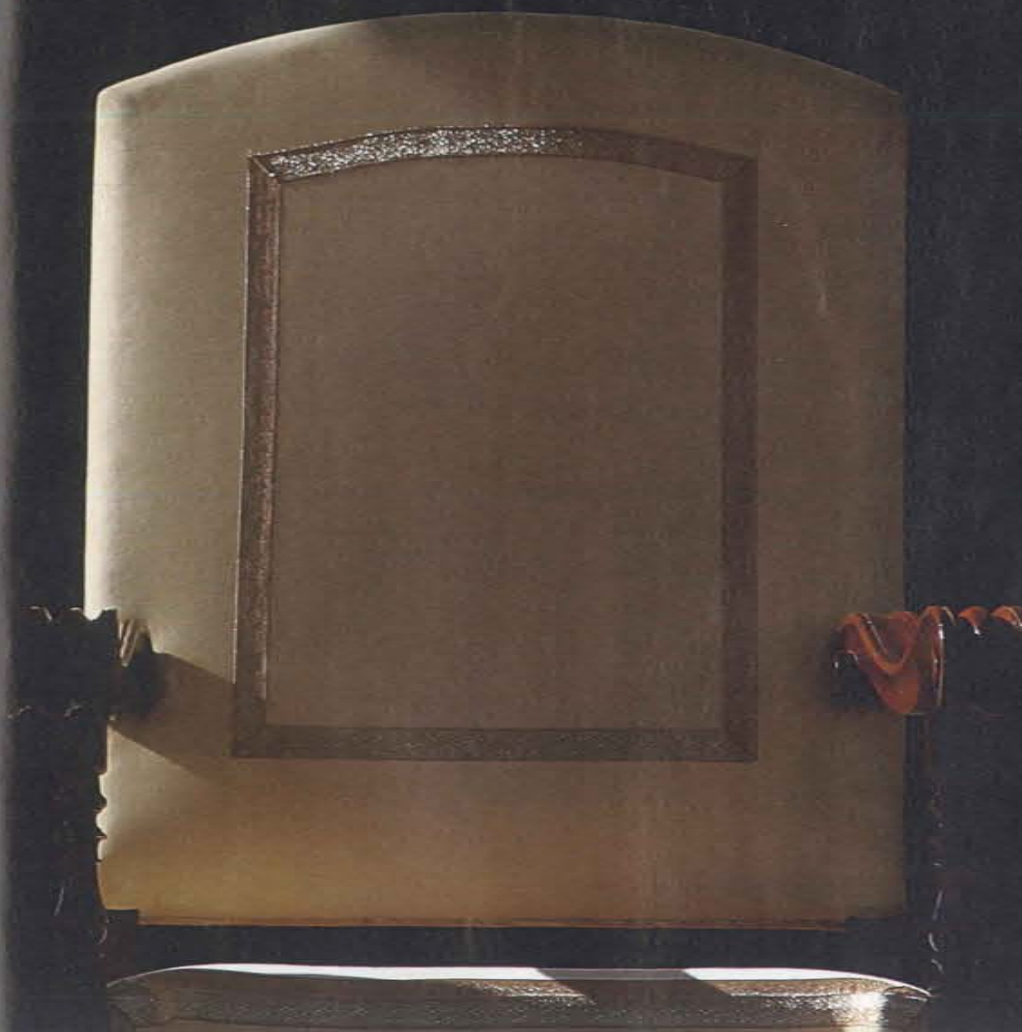


O PAPA

# DOS LOBOS

A RESIGNAÇÃO DE BENTO XVI EVIDENCIA  
A INCAPACIDADE DE DOMAR A ALCATEIA QUE  
CRIOU E ALIMENTOU EM 31 ANOS DE PODER

 POR ANTONIO LUIZ M. C. COSTA



**E**MBORA a eventualidade fosse juridicamente prevista, é absurdo afirmar que a renúncia de um papa é “um fato normal na Igreja Católica”, como fez o arcebispo de Salvador, dom Geraldo Majella, em entrevista à rádio Jovem Pan. Dos 265 papas listados pela história oficial em quase 2 mil anos, apenas quatro renunciaram: Bento IX (1045), Gregório VI (1046), Celestino V (1294) e Gregório XII (1415). E sequer eles foram precedentes comparáveis.

STEFANO RILLANDINI/REUTERS/LATINSTOCK

Gregório XII, papa de Roma, foi forçado pelos cardeais a abdicar, enquanto os “antipapas” concorrentes João XXIII de Pisa (que não se confunda com o papa de mesmo título do século XX) e Bento XIII de Avinhão eram depostos, para pôr fim ao Grande Cisma do Ocidente e reunificar a Igreja. Bento IX renunciou para vender o cargo a Gregório VI que, por sua vez, foi “renunciado” à força pela maioria de seus bispos, com apoio do imperador Henrique III.

Celestino V, um eremita respeitado como homem santo em Roma, foi eleito papa ▶



**Falso precedente.** O caso da abdicação de Celestino V foi muito diferente. Mais ainda as das outras renúncias papais

OS CONSERVADORES TENTAM DAR O CASO COMO “NORMAL”. ÓBVIO QUE NÃO É

contra a vontade ao ameaçar com a ira divina o colégio de cardeais que se reunia havia dois anos sem chegar a um consenso. Em cinco meses no cargo, mostrou-se completamente incompetente. Aconselhado pelo cardeal Benedetto Gaetani a abdicar, decretou o artigo do Código Canônico usado por Bento XVI. Gaetani elegeu-se papa Bonifácio VIII e por rezear a influência do ex-papa, mandou prender o idoso Celestino, que morreu após dez meses de prisão. Bonifácio ficou quase nove anos no trono, mas se desentendeu com Filipe IV da França, quando este quis taxar a Igreja. Após se declarar superior aos reis e excomungar Filipe, foi capturado por tropas francesas que o intimaram a renunciar. Ao recusar, foi espancado e morreu três dias depois. Após a morte, sofreu a humilhação adicional de ser destinado ao oitavo círculo do *Inferno* de Dante Alighieri, seu inimigo político, ao lado de Celestino V e Nicolau III.

**No caso de** Joseph Ratzinger não houve pressão visível por sua renúncia. Ao contrário, sua decisão apanhou todos de surpresa, com a possível exceção de seu irmão mais velho, o padre e maestro Georg Ratzinger. O punhado de cardeais chamados para um consistório ordinário – uma reunião de rotina – ficou pasmo ao ser informado pelo discurso em latim do próprio Bento XVI de que não estavam lá apenas para votar três canonicizações, mas para serem comunicados de que o papa “pela idade avançada e diminuição do vigor, tanto do corpo quanto do espírito”, sentia-se incapaz de exercer suas funções e germanicamente comunicava aviso prévio: deixaria o posto às 20 horas de 28 de fevereiro. Chocada ficou também Giovanna Chirri, a única dos cinco jornalistas a cobrir o evento que sabia latim, graças a quem a agência italiana Ansa deu um “furo” mundial. Ninguém mais se lembrou dos pobres candidatos a santos, a mexicana Maria Guadalupe e a colombiana Laura, fundadoras de congregações do século XX, e o italiano Antonio Primaldo, morto ao resistir ao Islã no século XV.

Mais que chocados, alguns cardeais da velha-guarda ficaram indignados. Stanislaw Dziwisz, arcebispo de Cracóvia, ex-secretário de Karol Wojtyła e amigo íntimo do cardeal decano Ange-

lo Sodano (secretário de Estado do Vaticano afastado por Bento XVI), desdenhou de Ratzinger ao compará-lo ao antigo chefe: “João Paulo II guiou a Igreja até o final, levou o pontificado até o último alento graças à sua fé”, pois acreditava que “da cruz não se desce”.

Segundo o jornal do Vaticano *L'Osservatore Romano*, a decisão teria sido tomada após a viagem ao México e a Cuba em março de 2012, que o deixou muito cansado. Mas ele fez mais uma viagem (ao Líbano, em setembro) e continuou a assumir compromissos e tomar iniciativas. Por exemplo, inaugurou uma conta no Twitter em 12 de dezembro, começou a tuitar em latim (algo de que só mesmo Ratzinger poderia cogitar) em 20 de janeiro e seguiam-se os preparativos para a segunda viagem ao Brasil, em julho. É de se supor que alguma gota d'água entornou o copo nos últimos dias. Poderia ser, por exemplo, a insubordinação aberta por parte de alguém que não se atreve a demitir – talvez o secretário de Estado Tarcisio Bertone, apontado por muitos como líder da dissidência. A revista italiana *Panorama* afirma que Ratzinger se decidiu após ler um relatório sobre os *Vatileaks* entregue em 17 de dezembro que expunha a resis-

tência da Cúria a mudanças e ações para promover mais transparência.

Difícilmente poderia ser um problema pessoal do próprio Ratzinger. É mais idoso que a maioria dos antecessores ao morrer (embora Leão XIII tenha chegado aos 93), mas goza dos benefícios da medicina moderna. Fez há três meses uma pequena cirurgia para trocar as baterias de seu marca-passo (que usa desde 2005, antes de ser eleito papa) e sofre de artrite, mas de resto tem uma saúde tão boa quanto se pode esperar aos 85 anos. E não dá sinal de senilidade, haja vista o desembaraço ao fazer discursos em várias línguas.

**No verão de 2010**, o jornalista alemão Peter Seewald perguntou-lhe se pensara em se demitir. O papa respondeu que teria o direito e talvez o dever de renunciar caso se sentisse sem condições físicas,

## O MUNDO CATÓLICO AS FORÇAS E AS FRAQUEZAS EM NÚMEROS

	católicos	praticantes	padres
Canadá	44%	29%	8.441
EUA	22%	35%	44.906
México	87%	51%	14.618

Argentina	89%	21%	5.648
Brasil	79%	45%	16.853
Chile	71%	25%	2.332
Colômbia	86%	48%	7.920
Equador	90%	?	1.797
Peru	88%	39%	2.769
Venezuela	88%	35%	2.557

católicos praticantes padres

Alemanha	32%	22%	18.365
Espanha	88%	19%	25.281
França	76%	8%	21.930
Itália	97%	21%	50.148
Polónia	94%	60%	28.457
Portugal	90%	27%	3.936
Filipinas	81%	48%	7.335
Índia	2%	?	19.946
Congo	50%	?	4.306
Nigéria	14%	?	4.437

## A EUROPA É CADA VEZ MENOS RELIGIOSA, MAS DETÉM O CLERO E O PODER

mentais ou espirituais, mas só depois de ressaltar: “Quando o perigo é grande, não é possível escapar. Eis porque este, certamente, não é o momento de demitir-se. Precisamente em momentos como esses é que se faz necessário resistir e superar as situações difíceis. Esse é o meu pensamento. É possível demitir-se em um momento de serenidade, ou quando simplesmente já não se aguenta. Não é possível, porém, fugir justamente no momento do perigo e dizer: ‘Que outro cuide disso!’”

Como conciliar essa resposta com a decisão atual? A Igreja não vive uma conjuntura mais serena do que há três anos, muito ao contrário. Sofreu derrotas políticas embaraçosas em vários países, as denúncias de escândalos morais e financeiros se agravaram, a tentativa de reconciliação com os seguidores de Marcel Lefebvre fracassou, con-

tos internos e evidências de corrupção vazaram à imprensa na série apelidada *Vatileaks*, para a qual o mordomo do papa, Paolo Gabriele, serviu de correio e bode expiatório, e o banqueiro que escolheu e nomeou para “limpar” o Banco do Vaticano, Ettore Gotti Tedeschi, foi ameaçado, destituído e desacreditado pelos conselheiros e por Bertone após redigir um informe secreto no qual relatava contas de políticos, empreiteiros e mafiosos intermediados pelo clero.

**A renúncia se dá** semanas depois de a Itália proibir os bancos de negociar com o Vaticano por esse desrespeitar normas internacionais contra a lavagem de dinheiro (o que força os turistas a fazer todas as despesas no Vaticano com dinheiro vivo), dias após a humilhação pública do cardeal e ex-arcebispo de Los Angeles Roger Mahony, por enco-

brir centenas de abusos sexuais de menores por seus padres e em meio à batalha contra a legalização do casamento homossexual na França e no Reino Unido. Às vésperas da Quaresma, o período em que a hierarquia tem mais contato e influência sobre os praticantes (no Brasil, com a “Campanha da Fraternidade”) e normalmente está no auge de suas atividades rituais e pastorais, mas agora terá de se dedicar a articulações internas e à organização do conclave. É como se Franklin Roosevelt renunciasse às vésperas do dia D (quando sua saúde já era pior do que Bento XVI aparenta) em vez de lutar pela reeleição e continuar a voar pelo mundo e travar negociações com Stalin, Winston Churchill e outros líderes duros de roer até quase o dia de sua morte.

Ao pregar a fiéis na Missa de Cinzas após o anúncio da renúncia, Ratzinger



### Relações perigosas.

Os pactos de Pio XI com Mussolini e João Paulo II com Reagan cobraram seu preço, político e espiritual



afirmou que a Igreja “está desfigurada pelas divisões em seu corpo eclesial” e denunciou “a hipocrisia religiosa, o comportamento dos que querem apertar, as atitudes que buscam os aplausos e a aprovação”, sinal de que sua atitude está relacionada à política interna da Cúria. No dia seguinte, ao falar aos párocos de Roma, defendeu “o verdadeiro Concílio Vaticano II, não o da mídia”, e o diálogo com outras religiões, o que sugere que o desafio veio da direita.

Se Ratzinger “já não se aguenta”, o que piorou não foi tanto seu estado de saúde quanto os “perigos”. Uma frase marcante de sua primeira homilia ao assumir o papado em 2005 foi “rezaí por mim, para que eu não fuja, por receio, diante dos lobos”. Deve ter concluído que os lobos são fortes e numerosos demais e incluem muitos dos que imaginava serem ovelhas ou cães pastores. À humilhação de ser reduzido a uma marionete, preferiu cortar as cordas, talvez com a sincera esperança de abrir caminho a um sucessor menos idoso e mais enérgico, mas foi ele mesmo quem criou e nutriu a alcaateia que hoje o cerca. Dos 211 cardeais vivos (dos quais 117 têm menos de 80 anos e votam no conclave), só cinco foram nomeados antes de sua ascensão ao posto de inquisidor-mor de João Paulo II em 1981 e todos esses (incluindo dom Paulo Evaristo Arns, de São Paulo) estão aposentados há muito tempo.

**Como chefe** da Congregação para a Doutrina da Fé e depois papa, Ratzinger foi restaurador de tradições, guardião da ortodoxia, caçador implacável de clérigos e teólogos progressistas como Hans Küng e Leonardo Boff e dos bispos que simpatizavam com essas ideias, substituídos por notórios conservadores à medida que se aposentavam. Ao mesmo tempo fez o possível para estender a mão aos heterodoxos de direita e atraí-los de volta à Igreja, a ponto de incentivar o uso do latim e da liturgia tridentina abandonada pelo Concílio Vaticano II, do qual participara como jovem teólogo “progressista”.

Se não foi mais longe nessa direção, é em parte por apoiar algumas das inovações conciliares, mas também por não poder condená-las sem cair em

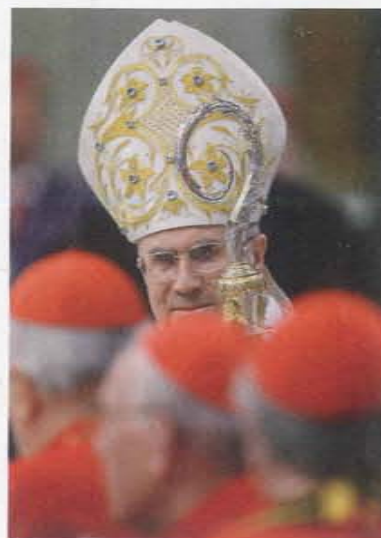


contradição. O dogma da infalibilidade papal é uma faca de dois gumes: dá ao papa uma autoridade teológica absoluta sobre os fiéis, mas o submete a todos os antecessores, inclusive os “progressistas” João XXIII, Paulo VI e João Paulo I, que validaram as conclusões do Concílio. Não é possível desautorizá-los sem pôr abaixo todo o edifício dogmático. A Igreja nunca afirmou que um papa fosse incapaz de pecar ou de cometer erros políticos e administrativos, mas, se admitisse a possibilidade de erro em proclamações oficiais sobre fé e moral, perderia a razão de ser.

Dentro desses limites, a prioridade foi combater as esquerdas, às quais João Paulo I fizera gestos conciliadores durante seu breve pontificado, encerrado de forma prematura e algo suspeita. Não se poderia esperar outra coisa da eleição de Wojtyła, um obsessivo anticomunista, em favor do qual, segundo mais de um autor, a CIA fez um lobby intenso para vencer os cardeais moderados. Em nome desse combate, o Vaticano se submeteu

a uma aliança pragmática com Ronald Reagan, Bush pai e Margaret Thatcher e fechou os olhos tanto ao que houvesse de pouco cristão no neoliberalismo e nas ditaduras de direita quanto aos abusos sexuais e financeiros de clérigos que rezassem pelo mesmo catecismo.

**E assim como** mesmo depois da queda da União Soviética os EUA levaram décadas antes de pensar em reduzir e redirecionar arsenais, o Vaticano tardou a perceber que o comunismo e a Teologia da Libertação perderam relevância e as ameaças reais passaram a ser a exacerbação da concorrência, do individualismo e do hedonismo pelo capitalismo



**Lupinos.** Bertone, o secretário de Estado que perdeu a confiança do papa e Dziwisz, saudoso de João Paulo II e Marcial Maciel



FOTOS: ANTOINE LORNIER/AFR, ANDREAS SOLARO/ANP e ALESSANDRO BIANCHI/REUTERS/LATINSTOCK

querer se alinhar à tese da “Guerra das Civilizações” e à cruzada neoconservadora contra o Islã, atacando essa fé como violenta e Maomé por a “espalhar com a espada” (como se cristãos não tivessem feito o mesmo). Depois foi a Auschwitz atribuir os crimes do nazismo a “um bando de criminosos que abusou do povo alemão”. Isso por parte de um homem que foi alistado na juventude hitlerista na adolescência. Pelo chefe de uma Igreja que se calou ante os crimes que hoje condena e apoiou o fascismo em troca das doações de Benito Mussolini (a título de indenização pela perda dos Estados Papais), das quais se origina boa parte de seu atual império imobiliário de quase 1 bilhão de dólares, como mostra a reportagem à página 54.

**Mais apegado** a símbolos de ortodoxia do que à caridade ante o sofrimento concreto, o Vaticano de Bento XVI também priorizou pregar a castidade e o combate ao uso de preservativos em países africanos devastados por epidemias, guerras, fome e corrupção. Esforçou-se por impedir a pesquisa médica com células-tronco de fetos e proibir o aborto em qualquer circunstância, incluindo crianças estupradas e mulheres para as quais a gravidez representa risco de vida. O mote do papa era preferir uma Igreja pequena, exigente e engajada a uma mais ampla, tolerante e

nua a rever seus valores e as igrejas a se esvaziar, pelo simples abandono da religião organizada, como é mais comum na Europa Ocidental, ou pela concorrência de outras fés, como se vê em outras partes do mundo (no Brasil, ambos os movimentos são importantes). Os confrontos com os Estados laicos e as tentativas de influenciar eleições na Europa e na América Latina aceleram o desgaste da relação entre a Igreja e as sociedades ocidentais, não a favorecem na África e na Ásia e podem levá-la a perder mais cedo os privilégios tradicionais que lhe restam.

Bento XVI provavelmente acredita no que prega, tolerou a corrupção em nome do que considerava fins mais altos e em alguns casos agiu contra ela. Uma de suas primeiras providências como papa foi intervir nos Legionários de Cristo, organização protegida por João Paulo II, Sodano e Dziwisz, entre outros, e afastar da liderança o criminoso, corrupto e devasso padre Marcial Maciel. Mas, de resto, se chegou a punir alguns clérigos culpados ou coniventes, admitir a responsabilidade da Igreja e retirar alguns obstáculos a investigações, foi sob a pressão de provas esmagadoras e da indignação crescente da sociedade laica. O Vaticano ainda está longe de satisfazer governos e tribunais tanto nesses casos quanto naqueles que se referem às investigações de outros abusos, de manipulações financeiras ilegais

## EM VÁRIOS PAÍSES, MENOS DE 30% DOS CATÓLICOS DE NOME SÃO PRATICANTES

neoliberal que ajudou a promover e a disputa feroz pelo poder entre as organizações conservadoras que protege e favorecem interesses políticos e econômicos da iniciativa privada que as financia, como a Renovação Carismática, o Caminho Neocatecumenal, os Legionários de Cristo (atuante no México, na América do Norte e nas Filipinas), o Opus Dei (influyente entre empresários e partidos de direita ibéricos e sul-americanos) e a Comunhão e Libertação (que apadrinha Silvio Berlusconi).

No início do pontificado, o papa que tinha se posicionado contra a entrada da Turquia na União Europeia e a favor de que esta se declarasse “cristã” pareceu

relapsa, intransigência pouco compatível com a pretensão de manter uma vasta rede de imóveis, empresas, escolas e hospitais e sustentar sua pesada estrutura com a contribuição de fiéis, voluntária ou arrecadada por governos (como ainda fazem os da Espanha, Itália, Áustria e Alemanha, entre outros).

Para se acorrentar à letra morta de dogmas que pretendem petrificar crenças e valores da Idade Média, o Vaticano deu as costas aos problemas e possibilidades do mundo moderno e às esperanças dos fiéis que apostaram na revitalização do espírito do cristianismo. Vive um mundo à parte e um discurso descolado da prática, enquanto a sociedade conti-

à convivência do clero com a tortura e a execução de militantes de esquerda nas ditaduras latino-americanas.

E como sua renúncia evidenciou, também é incapaz de controlar o conluio de interesses empresariais, políticos e clericais que ajudou a alimentar e hoje travam as tentativas de reforma tanto do Vaticano quanto da Itália – a corrupção secreta que viceja à sombra de qualquer autoritarismo. Provavelmente, será sucedido por um europeu igualmente conservador e intransigente para com os pecados da massa, mas mais tolerante para com os da Cúria, que manterá a Igreja no caminho firme, reto e seguro da decadência. ●

# O paradoxo Ratzinger

**MARCO DAMILANO** | Segundo o vaticanista, a renúncia abre espaço para uma reforma

A PAOLO MANZO

**M**ARCO DAMILANO é o principal jornalista político do *L'Espresso*, semanário italiano de maior prestígio. Não se trata apenas de um vaticanista, mas de um expert em política nacional e internacional, para quem o Vaticano ocupa posição muito importante no tabuleiro mundial. Damilano publicou um livro pela Editora Einaudi, *Il Partito di Dio (O Partido de Deus)*, sobre a ingerência da Igreja na vida pública italiana. Segundo o jornalista, a renúncia de Bento XVI é "um fato extraordinário, incrível" e provocou um "trauma só parecido, na história recente, com o fim do poder temporal do papado em 1870".

**CartaCapital:** O papa renunciou por motivos de saúde. É isso mesmo?

**Marco Damilano:** É difícil acreditar se considerarmos tudo que aconteceu em 2012, um *annus horribilis* para a Igreja Católica e para o Vaticano: a luta pelo poder na Cúria Romana, as cartas anônimas enviadas aos jornais sobre a guerra entre as diversas facções, o livro do jornalista Gianluigi Nuzzi, que publicou material extraído diretamente da correspondência privada do papa, a prisão do mordomo particular de Bento XVI, Paolo Gabriele. Esses eventos têm enfraquecido o papa e mostram uma fraqueza na Igreja como instituição.

**CC:** Em que sentido?

**MD:** Não é um paradoxo Joseph Ratzinger, definido nos anos 1980 pela mídia internacional como o guardião inflexível da

ortodoxia, o cardeal que havia investigado Leonardo Boff e os teólogos da Libertação, a fim de defender a inviolabilidade da doutrina católica e da Igreja, desferir o golpe mais sério na instituição dos últimos cem anos? Um trauma desse tipo só é comparável, na história recente, ao de 1870, quando a conquista de Roma acabou com o poder temporal da Igreja e o papa-rei tornou-se simplesmente papa.

**Em aberto.** A fase excepcional, diz Damilano, exige uma solução igualmente excepcional



ALESSANDRO BIANCHI/AFIP

"O CONSERVADOR PODE SER RESPONSÁVEL POR MUDANÇAS SEM PRECEDENTES. PODE NASCER UMA IGREJA MAIS COLEGIAL, MAIS PARTICIPATIVA"

**CC:** Qual seria o paradoxo?

**MD:** O conservador Ratzinger pode ser o responsável pelo início de um processo de autorreforma sem precedentes. Se a instituição do papado está enfraquecida, pode nascer agora uma Igreja mais colegial, mais participativa, em que as conferências episcopais e "o povo de Deus" tornam-se protagonistas, depois de terem sido completamente ofuscados nas últimas décadas.

**CC:** Bento XVI foi o papa da luta contra os "ismos", a começar pelo relativismo?

**MD:** Um dia antes de ser eleito em 18 de abril de 2005, Ratzinger celebrou a missa de abertura do conclave. Preferiu palavras duras contra todas as doutrinas ideológicas, do marxismo ao materialismo e até a libertinagem, que tinha entrado na Igreja e que, segundo ele, arrastou o barco dos fiéis nas ondas. Na ocasião, ele falou sobre a ditadura do relativismo. Na verdade, já indicava os inimigos de seu pontificado.

**CC:** Mas perdeu a guerra...

**MD:** Especialmente nesses últimos oito anos teve de enfrentar uma verdade amarga que já tinha adivinhado quando, ainda cardeal, escreveu as *Estações da Cruz* para a última via-crúcis do papa João Paulo II, em que falou de "detritos" do pontificado. Eleito Bento XVI, Ratzinger teve uma surpresa amarga: os inimigos da Igreja estão dentro da Igreja, não são externos. Pensemos na pedofilia, o escândalo mais grave para um ser humano e um crente em Cristo. Pensemos no amor pelo dinheiro, o escândalo permanente do IOR (*Banco do Vaticano*) e, enfim, no amor pelo poder. Esses três males desgastaram a Igreja por dentro, minando a confiança dos fiéis.

**CC:** Sem falar da operação "mãos limpas" que o monsenhor Carlo Maria Viganò empreendeu no Vaticano e que, como recomenda, teve de aceitar uma transferência.

**MD:** Ele foi vítima de um linchamento da mídia, que o descreveu como louco. Mas, na verdade, ele denunciou um escândalo

enorme e também muitos pequenos furtos, como as despesas inflacionadas para o presépio na Praça de São Pedro, ou pequenos subornos para podar os jardins do Vaticano. O nível de corrupção tem atingido quase todos os níveis na Santa Sé.

**CC:** Sem falar no escândalo permanente do IOR.

**MD:** Sim, o presidente do IOR, banco muito ligado ao Opus Dei, era Gotti Tedeschi, ex-presidente do Banco Santander, e foi forçado a renunciar. Há um escândalo financeiro e uma paralisia do poder, pois o IOR esteve quase um ano sem presidente. Só depois da renúncia do papa é que foi nomeado o belga Bernard de Corte. E nestes dias o banco voltou às manchetes da imprensa, pois os magistrados investigam se existe relação entre o escândalo dos derivativos do Monte Dei Paschi di Siena, o terceiro banco privado italiano, e o IOR.

**CC:** Desde 2009, há um inquérito em Roma contra o IOR com a grave acusação de la-

vagem de dinheiro. Segundo o inquérito, 20 milhões de euros teriam sido transferidos para a conta do JP Morgan, sem motivos, e 3 milhões a outro banco menor. Tedeschi afirmou temer por sua vida. O que o senhor sabe a respeito?

**MD:** Tedeschi escreveu sobre a ameaça após ser removido e o enviou a algumas pessoas de confiança. Não se pode atribuir a declaração à pura imaginação, pois o presidente do Banco Ambrosiano, Roberto Calvi, parceiro de negócios do monsenhor Paul Marcinkus no início dos anos 1980, foi encontrado enforcado sob a Ponte dos Frades Negros, em Londres. É como se o passado recente voltasse. É preciso dizer também que o caso Calvi-Marcinkus se inseria no contexto da Guerra Fria, uma luta contra o comunismo. Hoje, estamos apenas na presença de ladrões sem justificação histórica, nem mesmo ideológica.

**CC:** Que Igreja deixa Bento XVI e quais são as perspectivas?

**MD:** A confusão é tal que não é fácil fazer previsões. Pode-se pensar em um concla-

ve dramático, com dois cenários possíveis. Uma opção seria o medo, fechar a fortaleza porque tudo está ruindo. Seria uma escolha a favor da conservação, de baixo perfil, que não resolveria o problema. Neste caso, pode haver um papa italiano, da Cúria, como Angelo Scola. Mas acho que o gesto de Bento XVI abre uma época necessariamente carismática na Igreja Católica, o que significa uma mudança de ritmo, um salto na história, como aconteceu em muitas outras fases. Essa solução carismática poderia significar escolher um nome de outro continente.

**CC:** Que classe de papa, também sob o ponto de vista geográfico, poderia ser escolhido?

**MD:** Bento XVI, nos últimos anos, testemunhou todo o esforço da fé, a dor, a dificuldade dos crentes de hoje. Neste caso, o novo papa poderia ser escolhido fora da Europa e ser capaz de falar a linguagem do século XXI. Um papa negro ou americano. Estamos em uma fase excepcional e, provavelmente, é hora de uma solução excepcional. ●